



Universidade de Brasília

Ministério da Educação

Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares

Centro de Formação Continuada de Professores

Secretaria de Educação do Distrito Federal

Escola de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação

Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica

ESTUDO DA VIOLÊNCIA E FORMAS PEDAGÓGICAS PARA A REDUÇÃO DA INDISCIPLINA NA ESCOLA

Ana Caroline Brito da Costa

Professor-orientador Msc. Antônio Fávero Sobrinho

Professora monitora-orientadora Mestre Sandra Regina Santana Costa

Brasília (DF), maio de 2013

Ana Caroline Brito da Costa

**ESTUDO DA VIOLÊNCIA E FORMAS PEDAGÓGICAS PARA A
REDUÇÃO DA INDISCIPLINA NA ESCOLA**

Monografia apresentada para a banca examinadora do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica como exigência parcial para a obtenção do grau de Especialista em Coordenação Pedagógica sob orientação da Professora tutora-orientadora-Mestre Sandra Regina Santana Costa e do Professor-orientador-Mestre Antônio Fávero Sobrinho.

TERMO DE APROVAÇÃO

Ana Caroline Brito da Costa

**ESTUDO DA VIOLÊNCIA E FORMAS PEDAGÓGICAS PARA A
REDUÇÃO DA INDISCIPLINA NA ESCOLA**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Coordenação Pedagógica pela seguinte banca examinadora:

_____	_____
_____	_____
Mestre Sandra Regina Santana Costa SEEDF/UnB (Tutora-Orientadora))	Mestre Antônio Fávero Sobrinho (UnB) (Professor-orientador)

Profa Dra. Norma Lúcia Neris Queiroz – SEEDF/UnB
(Examinadora externa)

Brasília, 01 de maio de 2013

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família, que sempre me incentiva a estudar e melhorar como profissional e ao meu filho que se priva de momentos comigo quando estou envolvida com os estudos. Dedico também aos meus colegas de trabalho que buscam sempre a melhoria da educação através de seus atos. E à minha amiga Christiane Vilela, que me incentivou em todas as fases dessa etapa da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que em todos os momentos me deu discernimento e sabedoria para trilhar todos os caminhos da minha vida.

Agradeço a minha família e ao meu filho, por me amar incondicionalmente e proporcionar momentos de sossego quando é necessário mergulhar nos estudos.

Agradeço aos amigos que, querendo o meu bem, se privaram da minha presença em prol dos estudos.

Agradeço aos professores e alunos, que responderam o questionário apresentado com seriedade e comprometimento, cooperando com o presente trabalho.

Agradeço aos professores orientadores e em especial à professora orientadora Sandra Regina Santana Costa por me incentivar e não permitir desistir no meio do caminho.

Agradeço aos meus professores de ontem e de hoje, que foram espelhos para mim e que contribuíram e contribuem para abrilhantar essa eterna caminhada em busca do saber.

EPÍGRAFE

**“As palavras só têm sentido se nos ajudam a ver o mundo melhor.
Aprendemos palavras para melhorar os olhos.
Há muitas pessoas de visão perfeita que nada veem...
O ato de ver não é coisa natural.
Precisa ser aprendido!”**

Rubem Alves

RESUMO

A presente pesquisa intitulada “Estudo da violência e formas pedagógicas para a redução da indisciplina na escola” teve por objetivo geral de estudo a análise dos efeitos provenientes da violência dos alunos do 1º ao 5º ano e classes de aceleração do ensino fundamental de 9 anos da Escola Classe 401 do Recanto das Emas, visando a melhoria da indisciplina no ambiente escolar. Teve ainda como objetivos específicos: Identificar as causas da violência na escola e sua repercussão social; analisar as opiniões dos participantes sobre o tema pesquisado e identificar estratégias pedagógicas a serem utilizadas pelos professores para evitar os atos de violência e redução da indisciplina na escola. A indisciplina faz parte do processo ensino-aprendizagem e pode ser considerada como resistência à dominação ou até mesmo uma reação dos alunos às regras que não são discutidas, entendidas ou por considerarem sem sentido. Desta maneira a indisciplina pode comprometer a qualidade e efetivação da prática pedagógica. A pesquisa analisou ainda a concepção de professores sobre a indisciplina em sala de aula, procurando dar visibilidade ao modo como eles enfrentam essas situações. Foi fundamental verificar também a visão que o próprio aluno tem sobre os conflitos em sala e no que estes interferem em seu cotidiano escolar. A fundamentação teórica baseou-se nos estudos bibliográficos de diversos autores, como Abramovay, 2006; Debarbieux, 2002; Delors, 2001; Abramovay E Castro, 2006; Royer, 2002, entre outros. A metodologia escolhida foi a da abordagem qualitativa com a utilização de questionários para coleta de dados. Verificou-se que os casos que mais ocorrem nessa Instituição de ensino são de alunos que se envolvem em troca de insultos e palavrões, brigas, agressões físicas dentre outras ocorrências que prejudicam o bom andamento das aulas, interrompendo e conseqüentemente comprometendo a aprendizagem. Através dos resultados obtidos procurou-se detectar as fragilidades existentes no ambiente escolar, bem como indicar possíveis estratégias a fim de tornar o ambiente mais harmonioso, amenizando a indisciplina, levando em consideração a importância de um ambiente democrático e emancipador.

Palavras-chaves: Indisciplina. Violência escolar. Escola.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I	14
REFERENCIAL TEÓRICO	14
1.1- Violência e a sociedade	15
1.2- Violência e a escola	17
1.3- Violência e indisciplina	21
CAPÍTULO II	24
METODOLOGIA DE PESQUISA	24
2.1 Contexto da pesquisa	24
2.2 Participantes do estudo	25
2.3 Instrumentos e procedimentos de coleta de dados	25
2.4 Procedimentos de análise de dados	26
CAPÍTULO III	28
ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	44
APÊNDICES	46

INTRODUÇÃO

A violência é uma realidade que a cada dia assusta e amedronta as pessoas. Como nenhuma escola é uma ilha, mas parte da sociedade, os alunos vêm reproduzindo comportamentos violentos que presenciam a todo o momento em suas casas e nas ruas. Alunos agredidos verbal e fisicamente, materiais roubados, alunas assediadas, funcionários humilhados, ofensas entre professores e alunos, todos esses são exemplos de situações internas a muitas escolas e que precisam ser combatidas.

Para recompor valores deteriorados e conseguir preparar os alunos para a vida, a escola não pode ignorar a violência em suas próprias práticas e precisa trazer as questões do mundo para a sala de aula, caso contrário, seu papel formador provavelmente estará comprometido.

A pesquisa que teve como tema “estudo da violência e formas pedagógicas para a redução da indisciplina na escola”, foi realizada na Escola Classe 401 do Recanto das Emas.

Este tema é vasto e levando em consideração a sua amplitude, foram tratadas apenas algumas vertentes, não numa perspectiva de meta de chegada de conhecimentos definitivos, mas de ponto de partida para outras abordagens interativas do ato educativo.

O estudo da violência na escola é um desafio e uma forma de se aprofundar o conhecimento de suas causas e formas de evitá-la.

Considero importante o estudo voltado para os fatores que provocam a violência nas escolas pública, pois ajuda a compreender a complexidade da problemática educacional bem como as dificuldades encontradas pelos professores, pela escola e pela sociedade na busca de soluções para resolver esse problema.

No presente trabalho alguns autores foram analisados sobre diferentes enfoques e teorias a respeito do assunto. Dentre eles, citam-se Abramovay, 2006; Debarbieux, 2002; Tiba, 2006; Abramovay E Castro, 2006; Garcia, 2009; Royer, 2002, entre outros.

O estudo, com base em referencial bibliográfico, pôde ajudar no melhor entendimento do tema bem como para futuras investigações e intervenções. Pôde ainda servir de auxílio no sentido de que os alunos e a escola compreendessem a atual situação de violência em seu interior a fim de se fazer uma reflexão crítica sobre este assunto e organizar diretrizes que busquem solucionar ou, pelo menos, minimizar a indisciplina, melhorando a convivência no contexto da escola.

O objetivo geral deste estudo foi analisar os efeitos provenientes da violência dos alunos do 1º ao 5º ano e Classes de Acelerações do Ensino Fundamental de nove anos, visando a melhoria da indisciplina no ambiente escolar.

Já os objetivos específicos foram: Identificar as causas da violência na escola e sua repercussão social; analisar as opiniões dos participantes sobre o tema pesquisado e identificar estratégias pedagógicas a serem utilizadas pelos professores para evitar os atos de violência e redução da indisciplina na escola.

Estiveram envolvidos professores, coordenadores, equipe de direção, pais e alunos do 1º ao 5º ano e Acelerações, da Escola Classe 401 do Recanto das Emas.

A escola tem como compromisso garantir o acesso aos saberes sistematizados que serão somados àqueles construídos socialmente. Os saberes assim elaborados se constituem como instrumentos para o desenvolvimento, socialização e para o exercício da cidadania democrática.

Uma vez que a escola é a extensão da sociedade e que há pessoas diferentes entre si, nota-se que e essa diversidade frequentemente é alvo de preconceitos, intolerâncias e discriminações, o que resulta em conflitos, indisciplina e violências. Dentro da complexidade referente a esse assunto, as atitudes indisciplinadas ou violentas também estão ligadas situações que decorrem de diversos fatores sociais, de contextos culturais e de sistemas morais.

Como os fatores citados acima têm prejudicado claramente o êxito das funções sociais e educacionais no ambiente escolar, o estudo da violência e formas pedagógicas para a redução da indisciplina foi de suma importância, pois é necessário buscar na escola o favorecimento para a formação de um ser humano crítico, consciente, apto ao exercício da cidadania e a um convívio social harmonioso.

Deve-se levar em consideração que este estudo de investigação sobre a violência, pode contribuir para reduzir a indisciplina na Escola Classe 401 do Recanto das Emas, além de proporcionar suporte teórico-metodológico para a criação de estratégias pedagógicas.

CAPÍTULO I

REFERENCIAL TEÓRICO

A escolha de se analisar violência e indisciplina nas escolas públicas se deu pelo fato de violência e indisciplina estarem diretamente ligadas ao contexto sociocultural, o que implica na difícil tarefa em se aprofundar nas questões que levam a essa violência com vistas a encontrar formas de evitá-la dentro dos ambientes escolares, deixando de lado diagnósticos simplistas e superando propostas de mera repressão.

A violência não é um problema novo e muito menos apenas vivido nos tempos atuais. A diferença está na visibilidade dada à questão que nos dias de hoje é altamente divulgada pela mídia, inclusive nos casos de violência envolvendo crianças, adolescentes e jovens dentro de instituições escolares, o que causou o aumento da atenção dispensada às escolas. Em muitos casos, essa visibilidade acontece devido a popularização das tecnologias que permitem que casos de agressões físicas e violências de todas as espécies sejam filmadas e fotografadas por alunos ou curiosos e veiculadas para o grande público. Assim, uma das questões relevantes é compreender o porquê de episódios de agressões e violência gratuitas na escola estarem se repetindo de forma corriqueira e por várias vezes, ao ponto de comprometer o trabalho pedagógico desenvolvido nas escolas.

Considera-se que as questões de desordem familiar interferem diretamente na geração da violência na sociedade e na escola, cabendo aos educadores o árduo papel de orientar os educandos no sentido de desenvolverem uma relação de paz e harmonia na família, na escola e na sociedade.

É certo que a escola exerce papel de fundamental importância na questão da violência em seu *locus* e na sociedade, mas a mesma encontra-se pouco preparada para enfrentar essa problemática, frente ao crescente comportamento agressivo dos alunos que vivenciam um ambiente extraescolar que influencia muito em suas ações dentro da escola.

1.1 VIOLÊNCIA E A SOCIEDADE

Historicamente podemos vislumbrar que desde a antiguidade e ao longo da história humana, a violência se insere nas relações de poder, seja entre o mais forte e o fraco, entre Estado e cidadãos, entre livres e escravos, entre homens e mulheres, ou entre diferentes religiões.

A palavra violência que etimologicamente deriva do latim *vis*, com significado de força e virilidade, pode ter sido positiva em termos de transformação social, no sentido de uma violência revolucionária, usada como forma de tentar transformar uma sociedade em determinado momento, porém o que presenciamos atualmente é que a violência tem sido um fenômeno preocupante, presente nas diversas sociedades e nas variadas culturas do mundo.

Segundo o Dicionário Houaiss, (2009, p. 772), violência é a “ação ou efeito de violentar, de empregar força física (contra alguém ou algo) ou intimidação moral contra (alguém); ato violento, crueldade, força”. No aspecto jurídico, o mesmo dicionário define o termo como o “constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém, para obrigá-lo a submeter-se à vontade de outrem; coação”.

A violência foi definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002, p.5) como o “uso intencional da força ou poder em uma forma de ameaça ou efetivamente, contra si mesmo, outra pessoa ou grupo ou comunidade, que ocasiona ou tem grandes probabilidades de ocasionar lesão, morte, dano psíquico, alterações do desenvolvimento ou privações”. Dependendo do local e da maneira como ocorre a violência, ela pode ser classificada como criminal, policial, estatal, institucional; pode também ocorrer na forma física ou psicológica, doméstica, rural, urbana, escolar dentre outras classificações, podendo ser aparente ou não.

Se as formas aparentes da violência são de fácil percepção, as formas psicológicas ocasionadas por ameaças, humilhações, intimidações, rejeição e desrespeito, nem sempre são percebidas e, muitas vezes, podem ser ainda mais graves. Assim não só as aflições físicas podem ser colocadas como violência, uma vez que a dor pode ser sentida em momentos onde a materialidade do corpo não é afetada. Nesse sentido a violência se apresenta de formas que vão além das aparências e de tudo aquilo que é palpável e visível aos olhos.

Os significados, representações e dimensões da violência se modificam de acordo com as sociedades e com sua história. Cada sociedade interpreta a violência dentro de seus variantes culturais e nesse sentido, pode-se dizer que a dimensão da cultura está intrinsecamente vinculada à questão da violência. O que assume um caráter violento em determinada cultura pode não assumir em outra. Temos como exemplo a pena de morte em países como China e Estados Unidos, que é uma medida punitiva, que faz parte da cultura e das regras sociais. O conceito de violência depende do momento histórico, da localidade e do contexto sociocultural, o que lhe atribui o dinamismo próprio da vida social. (ABRAMOVAY, 2006).

Por outro lado, Debarbieux (2002) aponta para a exclusão em todos os níveis como um dos fatores de risco de violência e, principalmente, para a exclusão social como um desafio aos governos da atualidade:

A violência representa um desafio às democracias: o desafio da guerra contra a exclusão e a desigualdade social. Essa desigualdade não se refere apenas aos “bairros sensíveis”, ela existe em escala planetária: existe uma comunidade global de problemas, porque, se existe de fato essa coisa chamada globalização, ela é a globalização da desigualdade, que afeta os bairros de classes trabalhadoras tanto nos países desenvolvidos quanto nos países em dificuldades. A mobilização deve ser, portanto, em nível internacional (DEBARBIEUX 2002, p.268).

Sendo assim, as expressões violentas podem demonstrar inquietações diante da desvalorização humana, revelando inconformismo diante das injustiças sociais, porém, quem convive diariamente com a violência aponta outras causas, também de ordem social como fatores de contribuição da violência. Entre elas estão o fracasso da educação dos pais em relação a seus filhos, crise familiar, reprovação escolar, tráfico e uso de drogas, desemprego, desrespeito e intolerância as minorias, discriminação, racismo e muitas outras.

Na discussão sobre a definição do termo violência Debarbieux (2002) ressalta que:

É um erro fundamental, idealista e histórico crer que definir a violência, ou qualquer outro termo, por sinal, seja uma questão de se aproximar o máximo possível de um conceito absoluto de violência, de uma “ideia” de violência que faz com que a palavra e a coisa estejam para sempre adequadas. Não se trata sequer de dizer que as palavras evoluem juntamente com um “contexto” externo, que faria com que uma definição original evoluísse - que apenas a ilusão de uma permanência etimológica pode ser encontrada (DEBARBIEUX 2002, p.268).

Qualquer que seja a magnitude das várias causas da violência é na formação da criança que algo poderá ser feito para sua conscientização frente à violência que nos cerca. É na escola, um dos lugares socialmente instituídos para a criança se inserir na cultura urbana, que ela se relacionará com o outro e com o conhecimento, organizando e interpretando suas relações com o mundo interno e externo. A escola é espaço de construção de saberes, de convivência e socialização e segundo Delors (2001) é um espaço capaz de conduzir a um desenvolvimento do ser humano, onde haverá mais harmonia, combatendo as formas de pobreza, exclusão social, intolerância e opressões, causando conseqüentemente a diminuição da violência.

Em relação à educação e ao desenvolvimento humano, a escola é, sem dúvida, uma poderosa instituição que influencia diretamente na educação das crianças e adolescentes, mas a violência não tem estado do lado de fora de seus muros, ela já adentrou os portões da escola e tem preocupado toda comunidade escolar.

1.2 VIOLÊNCIA E A ESCOLA

O mundo atual vem se apresentando extremamente dinâmico e em constante mudança. Inevitavelmente essas transformações sociais nos atingem, e em específico nas últimas décadas, como resultado da evolução humana e tecnológica e do amplo acesso a informações, facilitado pelas mídias. Assim, mudaram a sociedade, os meios de comunicação, a estrutura familiar e a escola, sendo que a essa última coube um acúmulo de funções como; assumir o papel educativo, transmitir a herança cultural, desenvolver competências, aguçar sensibilidades, desenvolver inteligências, cidadania, socialização, ou seja, passa a compreender o ser humano nos seus diversos aspectos; como ser cognitivo, biológico, emocional e também espiritual.

Nesse sentido, as relações interpessoais adquirem uma dimensão própria da existência humana e a escola como ambiente socializador de crianças e adolescentes, passa a sentir os efeitos da violência escolar que se modifica e se intensifica. Assim, o agravamento dos casos de violência dentro da escola trouxe o tema para o centro das preocupações.

Vários autores e pesquisadores das ciências sócias e humanas tem se destacado em discutir a questão da violência na escola. No campo educacional, Abramovay e Castro (2006) se destacam pela publicação da pesquisa “Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas”, realizada em parceria entre a Secretaria de Estado de Educação do DF e a Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana. Essa pesquisa foi realizada com o intuito de diagnosticar a violência nas escolas públicas, a fim de buscar subsídios para a adoção de medidas adequadas visando resolução de conflitos nas escolas. Para esses pesquisadores:

O quadro delineado ao longo deste livro mostra que as instituições educacionais vêm sofrendo com as dificuldades em prevenir e solucionar violências de diversos tipos que ameaçam a convivência no cotidiano escolar [...] O entendimento da realidade existente é primordial quando o intento é aprimorá-la [...] Nesse sentido é possível construir ferramentas para que os integrantes da comunidade escolar possam lidar com este tema, aumentando sua competência e suas possibilidades de melhor compreensão e intervenção na realidade (ABRAMOVAY, CUNHA E CALAF, 2009, p.435).

Quando falamos de violência escolar, nos deparamos com um grande dilema em compreender essa violência, pois à medida que tentamos entendê-la, nos deparamos com diferenças, que geralmente são usadas como sinônimos tais como indisciplina, agressividade, microviolências e outros em relação ao contexto escolar.

O autor Bernard Charlot (apud Abramovay e Rua 2002) reforça que existe dificuldade em definir ou demarcar aspectos referentes aos atos de violência na escola por que esse tema traz representações sociais e valores complexos como, por exemplo, o fato da escola ser tida como refúgio, lugar seguro. O autor classifica os atos de violência escolar em:

- Violência: golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismos;
- Incivildades: humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito;
- Violência simbólica ou institucional: compreendida como a falta de permanecer na escola por tantos anos; o ensino como desprazer, que obriga o jovem a aprender matérias e conteúdos alheios aos seus interesses; as imposições de uma sociedade que não sabe acolher os jovens no mercado de trabalho; a violência na relação de poder entre professores e alunos. Também é a negação da identidade e satisfação profissional aos professores, a sua obrigação de suportar o absentismo e a indiferença dos alunos (BERNARD CHARLOT, 1997, *apud* ABRAMOVAY, 2004, p. 69).

Atores da escola como professores, coordenadores pedagógicos, gestores, pais, comunidade e a sociedade de modo geral, costumam atribuir todo e qualquer ato praticado pelos alunos como sendo violência e fazendo uso desse termo sem a menor preocupação com a sua distinção, mesmo em se tratando de simples conflitos, ou apenas da quebra de regras pedagógicas de convivência social pré-estabelecidas pela escola.

Dos fatores que envolvem essa temática, podemos perceber que se por um lado as ações praticadas pelo aluno no espaço escolar ultrapassam o que se considera socialmente aceitável, por outro, compreende-se que estas atitudes podem ter suas origens na realidade vivida por ele, como resposta, em alguns casos a muitas opressões e violências presenciadas por ele.

Debarbieux (2002) apresenta-se favorável à ideia de que os atos de violência no contexto da escola devem ser levados em conta em relação ao que dizem as vítimas, pois muitas vezes os abusos de poder e pequenas situações que passam despercebidas diariamente, podem causar danos mais graves do que os casos mais brutais e perceptíveis. Ao ouvir essas vítimas, podem ser traduzidas verdades e percepções que passam longe das violências e punições previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente ou do Código Penal.

De modo geral, nota-se que os comportamentos agressivos reproduzidos pelos alunos, podem estar relacionados ao que eles presenciaram ou vivem dentro do convívio doméstico, familiar ou social, mesmo não sendo comportamentos aceitáveis socialmente. O indivíduo que possui comportamentos agressivos na escola, muitas vezes está sofrendo ou presenciando atos de violência e possivelmente se encontra cercado por situações de violência.

A pesquisa já referida anteriormente, “Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas”, mostra que aspectos negativos envolvendo a família, conflitos entre seus membros, violência doméstica, estilos de autoridade e de comunicação, alcoolismo e outras toxico dependências, fatores socioeconômicos, desemprego, separações, famílias monoparentais, que caracterizam uma desestruturação familiar, seja em qualquer classe social, constituem fatores fortemente associados ao insucesso escolar dos filhos e aos seus comportamentos antissociais na escola.

Os modelos violentos que a criança ou o adolescente aprendem na família, vizinhança, na mídia ou com amigos, podem ser resignificados na Escola enquanto um espaço de aprendizagem. A função e a estrutura da escola, enquanto instituição com objetivos educativos sistemáticos, que planeja suas intervenções e que possui profissionais com formação para melhor conduzir e facilitar a educação torna-se cada vez mais importante no mundo atual, pois a Escola enquanto condutora da educação formal, planeja, escolhe conteúdos, utiliza métodos, pensa e repensa as práticas pedagógicas, o que implica intencionalidade.

Da mesma forma, espera-se que a família cumpra seu papel de transmitir as primeiras noções de regras de socialização, de princípios éticos, morais, religiosos e de habilidades que facilitem a inserção da criança no ambiente escolar formal.

Desta forma, escola e família tem funções complementares, diversificadas e relacionadas de forma que uma precisa da outra em várias atitudes. De acordo com Abramovay, Cunha e Calaf (2009, p. 152): “As instâncias da escola e da família correspondem a duas agências socializadoras e interdependentes: ambas assumem funções educativas que algumas vezes se confundem e outras se sobrepõem”.

É preciso entender que a relação família-escola caracteriza-se pela interdependência. Se uma das partes deixa de funcionar bem, a outra será atingida. Ao falar sobre essa integração, Abramovay, Cunha e Calaf (2009, p. 153) indicam que:

A aproximação dos familiares com a instituição escolar pode derivar no fortalecimento de uma ação conjunta para tratar das eventualidades cotidianas, as quais muitas vezes atingem as duas esferas e a elas imprime uma série de dificuldades. Abordar essas múltiplas agências é, assim, uma condição necessária para se estabelecer um canal efetivo de comunicação e diálogo.

Família e escola precisam se unir em prol do favorecimento das aprendizagens e do bem estar dos alunos. Uma alternativa possível e viável para fortalecer e estreitar os laços entre essas duas instituições é trazer a família cada vez mais para dentro da escola por meio de encontros, palestras, reuniões e troca de experiências.

1.3 VIOLÊNCIA E INDISCIPLINA

Anteriormente foi mencionado o preocupante agravamento da violência em todas as esferas sociais e que isso tem deixado a escola em constante “estado de alerta.” Os atores da escola, tem tomado atos de violência como sinônimo de indisciplina e vice versa. Há situações em que é difícil diferenciar com clareza os dois conceitos, mas generalizar tudo o que ocorre na escola como violência tem trazido confusões. Nesse sentido, a respeito da temática violência e indisciplina, é possível identificar as polêmicas, confusões e oscilações que vem marcando esses dois termos.

Na realidade, o conceito de indisciplina é altamente amplo e vago. Nos regimentos escolares algumas regras estão especificadas, mas no dia a dia das salas de aula são os professores que, com seus diferentes estilos e formas de organização do trabalho, delimitam o que é considerado ou não indisciplina.

Uma forma simples de distinguir violência de indisciplina é explicitar que os atos de violência ferem o Código Penal e são atos como agressões físicas ou porte de armas. Já os atos de indisciplina seriam aqueles que dizem respeito apenas ao âmbito escolar, ferindo o seu regimento, os acordos feitos para o bom funcionamento do trabalho pedagógico ou as regras de boa convivência.

Há alguns anos atrás, o que era entendido como indisciplina eram atitudes como falar quando devia permanecer calado, mascar chiclete, fazer barulho, correr nos corredores, furar filas, desrespeitar as normas sobre o modo de se vestir e fazer desordem. O aluno da escola de anos atrás, que obedecia a quase sempre tudo sem reclamar, que repetia o que o professore mandava sem questionar, que se submetia ao autoritarismo do adulto, não existe mais. A relação do aluno com a escola, sua vida e o próprio sentido da escola para ele mudaram. O aluno de hoje grita por mudanças, embora alguns docentes insistam em não querer ouvir.

Considerar as dificuldades encontradas pelos professores diante de tais mudanças é considerar um a realidade também existente. O professor tem se deparado a cada dia com situações com as quais ele não consegue lidar ou por inexperiência, ou por falta de capacitação, ou até mesmo por optar por não aderir a mudanças.

A indisciplina é justamente um dos principais fatores que tem dificultado o trabalho docente e alvo de maiores reclamações no que tange o cotidiano escolar. Atualmente o que podemos presenciar é que a indisciplina inclui todos os atos que ferem as regras de bom funcionamento da escola e das aulas: todas as formas de desrespeito e agressão verbal aos professores e outros educadores da escola; ações contra o patrimônio, como pichações, quebra de carteiras e materiais; recusa a participar das atividades escolares, conversas, barulho ou andar indevidamente durante as aulas; as práticas de agressão física e verbal entre colegas, que caracterizam o “*bullying*”; e muitos outros atos, frequentemente chamados de microviolências ou incivildades.

A respeito do “*bullying*”, Tiba (2006) diz que:

Certos alunos juntam-se para rejeitar ou agredir um colega que é diferente dos demais. Em geral, o agredido é mais frágil que os outros e não tem condições de defender-se sozinho na hora. O termo *bullying* vem do verbo inglês *bully*, que significa intimidar, tyrannizar (TIBA, 2006, p. 181).

A indisciplina reflete então desacordos em relação a contratos e expectativas sociais, na esfera das relações entre sujeitos, bem como no campo das relações desses com o conhecimento (GARCIA, 1999).

De acordo com Royer (2002) a escola possui um importante papel na prevenção da indisciplina e de comportamentos agressivos. Na realidade, esse papel abrange toda comunidade escolar, de toda a escola, mas em particular dos professores que são um dos principais atores do processo educativo. Assim:

(...) os professores, no decorrer de sua formação inicial ou mais adiante, tem que desenvolver a capacidade de intervir e de evitar comportamentos agressivos nas escolas. Sejam mais claros: a capacidade de ensinar a ler, escrever e fazer operações matemáticas não é mais suficiente para educar os jovens que hoje frequentam nossas salas de aula (ROYER, 2002, p.253).

A realidade sentida na pele é que professores e demais funcionários da escola recebem pouca ou nenhuma formação sobre como proporcionar uma educação de qualidade para alunos que apresentam um comportamento indisciplinado e/ou agressivo. No processo de formação é preciso que sejam traçadas estratégias que visem o desenvolvimento de conhecimentos a esse respeito (ROYER, 2002 p 253).

O mesmo autor assinala ainda que a política de formação de professores será correta e eficaz se os professores compreenderem como os comportamentos indisciplinados e/ou agressivos se manifestam nos jovens; se eles compartilharem que a educação e a escola podem evitar que esses fatores se desenvolvam e tenham continuidade; se eles agirem de forma ativa frente a esses conflitos; se convencerem se de que as intervenções precisam ser formuladas para cada caso; se valorizarem a formação continuada tendo claro que só a experiência não basta; se integrarem em sua prática os novos conhecimentos; se formarem parcerias com os pais e reconhecerem a importância do trabalho em equipe.

Entende-se ainda que os professores podem e devem discutir a problemática da indisciplina com seus alunos numa perspectiva do diálogo, devendo unir esforços para que os mesmos repensem o porquê dos seus atos, pois a escola também tem como função desenvolver o pensamento reflexivo em seus alunos, auxiliando-os a construir uma compreensão coerente da realidade, resgatando quando necessário, princípios éticos e desenvolvendo ações que visem a promoção de valores fundamentais como solidariedade, respeito, honestidade, responsabilidade, fraternidade e de convivência que parecem estar sendo deixados de lado.

CAPÍTULO II

METODOLOGIA DE PESQUISA

Pesquisar é basicamente procurar uma informação que não se sabe e que se precisa saber. Verificar documentos, conversar com pessoas ou fazer perguntas para obter respostas, são formas de pesquisa, consideradas como sinônimo de busca, de investigação e indagação. Segundo Lakatos e Marconi (1987, p.15), "a pesquisa pode ser considerada um procedimento formal com método de pensamento reflexivo que requer um tratamento técnico ou científico, e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais". Desse modo, nota-se que significa mais do que apenas procurar a verdade, mas descobrir respostas para perguntas ou soluções para os problemas levantados, por meio do emprego de métodos científicos.

A presente pesquisa pode ser classificada quanto aos fins, como uma pesquisa descritiva. Quanto aos meios o tipo de pesquisa aplicada é a de campo, do tipo qualitativa. Segundo Chizzotti (1995 p.68), o termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível.

2.1 CONTEXTO DA PESQUISA

A proposta dessa pesquisa teve origem no cenário da indisciplina escolar, que apresenta uma complexidade que precisa ser levada em consideração e investigada com vistas a melhoria do ensino. A instituição pesquisada apresenta problemas cotidianos de indisciplina, que se intensificam nas turmas de 4^o e 5^o anos, onde os professores interrompem constantemente as aulas para a resolução de conflitos entre os alunos.

Foi realizada na Escola Classe 401, situada na região administrativa do Recanto das Emas, no Distrito Federal. A escola conta com um quadro de 42 professores, 4 coordenadores pedagógicos, 01 psicóloga, 02 psicopedagogas e 01

professora da sala de recursos. A direção é composta pela diretora, vice-diretora, supervisora pedagógica e supervisor administrativo.

Conta ainda com 1100 alunos aproximadamente, com idades que variam de 6 à 14 anos. Esses alunos estão distribuídos em 42 turmas que vão do 1º até o 5º ano do Ensino Fundamental de 9 anos. O quantitativo alto de alunos se dá devido ao fato das escolas já construídas serem insuficientes para atender à demanda de alunos existentes na cidade.

2.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO

Participaram dessa pesquisa 08 professores do Ensino Fundamental de 9 anos, sendo 04 do 5º ano e 04 do 4º ano, entre eles contratos temporários e efetivos. A escolha dos professores foi feita por afinidade e por serem o 4º e o 5º anos onde há mais reclamações de atitudes indisciplinadas dos alunos. Por meio de questionamentos orais aos professores, foi detectado que o grau de escolaridade dos educadores pesquisados varia de graduação a pós-graduação na área de Educação.

Participaram também 24 alunos, sendo metade do 4º ano e a outra metade do 5º ano. Foram escolhidos alunos que apresentam comportamento indisciplinado e alunos que não apresentam esse comportamento, indicados pelos seus respectivos professores.

2.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Nesse momento foi produzida a matéria prima para a construção das análises de maneira a buscar o maior esclarecimento possível sobre o tema em questão.

Foram elaborados dois questionários com dez questões objetivas em cada, sendo um direcionado aos professores e outro aos alunos. Para a validação dos questionários, procedeu-se a aplicação dos mesmos para duas professoras que lecionam em turmas de 5º ano e para cinco alunos também do 5º ano. Ressaltando que esses primeiros participantes não responderam a versão final dos questionários.

Após essa aplicação, houve a mudança de algumas questões e diminuição de cinco questões em cada questionário, pois estavam repetitivas.

Assim, para coleta de dados, foram utilizados dois questionários: um composto por 05 perguntas para os professores e outro contendo 05 questões para os alunos.

No questionário dos professores, houve cinco questões fechadas, sendo que em duas foi necessário justificativa. As questões 01 e 02 abordaram os tipos de indisciplina mais frequentes em sala e as suas principais causas. A questão 03 averiguou quais as atitudes tomadas pela escola diante de ações de indisciplina. As questões 04 e 05 averiguaram se a coordenação pedagógica e a proposta pedagógica da escola contemplam o assunto indisciplina em seu contexto. No ato da entrega do questionário aos professores, foi dada ênfase a sua importância para a investigação do tema. A devolutiva da maioria foi no mesmo dia.

O questionário dos alunos foi aplicado em diferentes momentos, com grupos de quatro alunos para facilitar a compreensão e o seu preenchimento. Em cada grupo foi apresentado o objetivo da pesquisa a aplicação foi logo após a explicação da mesma. As cinco questões foram fechadas, onde em uma delas foi necessário justificar a resposta.

As questões 01 e 02 foram referentes ao seu conhecimento a respeito do Regimento Interno da Escola e sobre a discussão dos direitos e deveres em sala de aula. Na questão 03, o aluno pôde mencionar o interesse do professor na resolução das questões de indisciplina em sala de aula. As questões 04 e 05 trouxeram suas impressões a respeito de advertências e suspensões e se os pais eram informados quando estas aconteciam.

2.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

A análise dos dados é uma das fases mais relevantes de uma pesquisa, pois é nela que se investiga o material recolhido na coleta de dados sob o olhar da fundamentação teórica construída na pesquisa bibliográfica.

Com os dados obtidos pelos questionários dos professores, foi possível perceber a visão dos sujeitos, tanto alunos e professores, frente aos questionamentos a cerca da indisciplina na escola.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O presente capítulo tem como objetivo analisar as respostas acerca da indisciplina na Escola Classe 401 do Recanto das Emas, mais especificamente entre alunos dos 4º e 5º anos, emitidas pelos sujeitos participantes deste estudo, são eles, 08 professores e 24 alunos. Os sujeitos da pesquisa responderam a 05 perguntas estruturadas de um questionário. As respostas dos participantes foram analisadas, proporcionando a construção de elementos que demonstram os motivos formulados pelos sujeitos, os quais estão diretamente relacionados ao objeto de estudo, tornando, nos permitindo uma apreensão e compreensão mais ampla da investigação.

A seguir apresentam-se as tabelas e gráficos referentes aos questionamentos feitos a professores e alunos. Os gráficos de 01 a 05 retratam as respostas dos professores e os gráficos de 06 a 10 dizem respeito às respostas dos alunos.

Gráfico 01- Tipos de indisciplina e violência que ocorrem com mais frequência na escola.



Fonte: Pesquisa. COSTA, Ana Caroline Brito da, Recanto das Emas – DF 2013.

Os dados do gráfico 01 revelam os tipos de indisciplina que mais ocorrem no ambiente escolar e que interferem no cotidiano da sala de aula. As opções mais evidenciadas foram: agressões verbais e conversa excessiva com 100% de indicação e agressões físicas, brincadeiras e levantar-se do lugar sem necessidade que surgem com 75%.

Percebe-se, através dos resultados contidos no gráfico 01, que as violências mais explícitas como roubos e furtos ou ameaças, não foram as mais citadas pelos professores, traduzindo a menor incidência desses casos, mas não por isso há de se ignorar esses fatores.

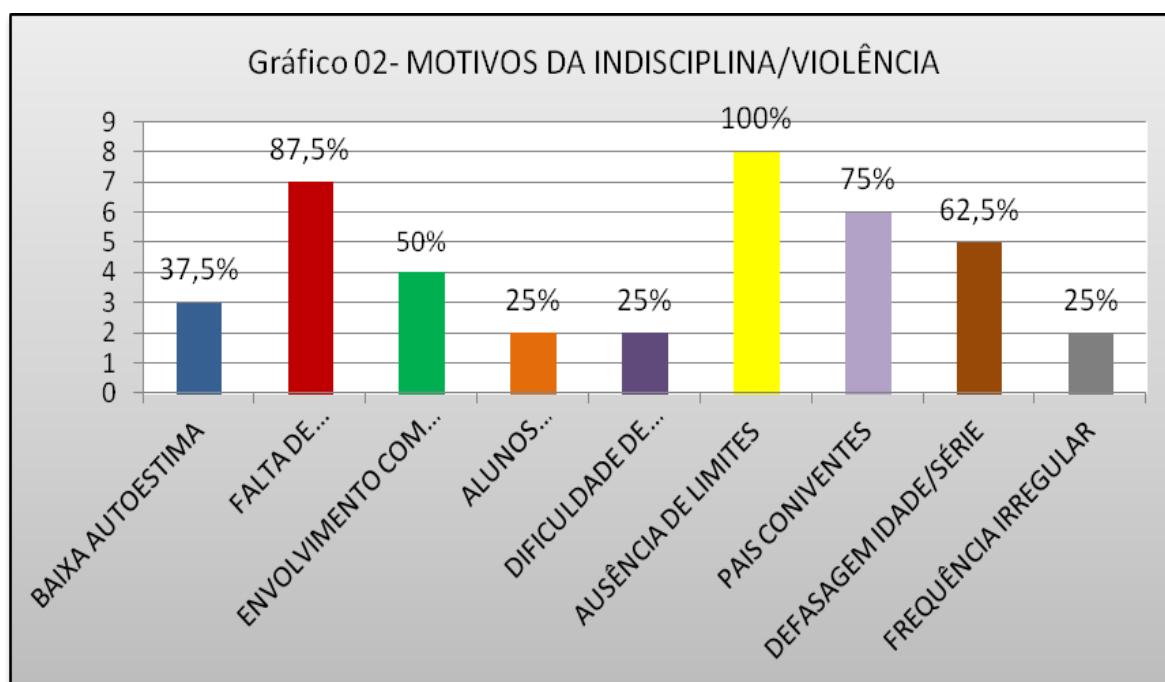
Nota-se certa generalização ao lidar com o assunto e também que seu entendimento no interior das escolas está voltado principalmente às agressões físicas, sendo que as violências menos explícitas são minimizadas.

Nesse sentido Abramovay (2006) coloca que:

As definições de indisciplina estão alinhadas aos conceitos de violência: como sinônimo de agressão física; como delito ou crime; como transgressão; como agressão verbal; como as várias formas de discriminação; como ataques ao patrimônio, entre outras. Nesse sentido é necessário abandonar definições rígidas e restritivas, que limitam a violência a um ou outro tipo de manifestação (Abramovay, 2006. p.76).

A ordem dos tipos de indisciplina e violência no gráfico seguiu a mesma sequência apresentada no questionário. Não foram constatadas grandes discrepâncias entre a opinião dos professores na identificação dos tipos de violências mais frequentes.

Gráfico 02 - Itens por ordem de dominância em relação ao que influencia as atitudes de violência e/ou indisciplina na escola.



Fonte: Pesquisa. COSTA, Ana Caroline Brito da, Recanto das Emas – DF 2013.

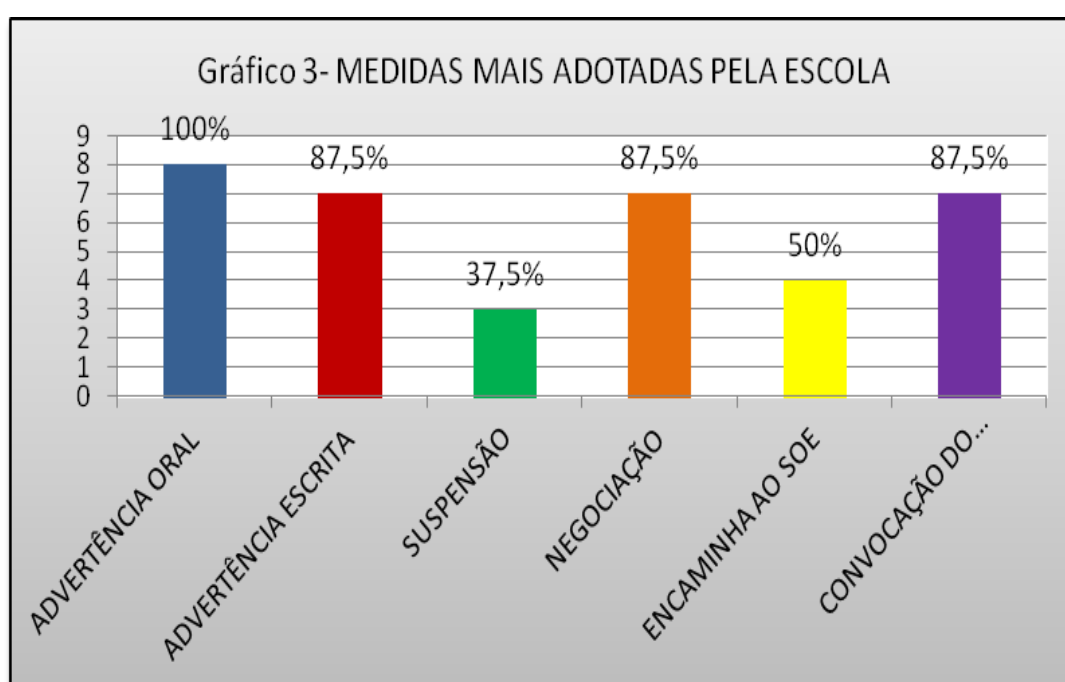
No gráfico 02, ficou evidenciado que um dos motivos que mais influencia na indisciplina é a ausência de limites, sendo indicada por 100% dos professores. Logo em seguida falta de acompanhamento familiar com 87,5%. Em terceiro e não menos importante 75% para pais conviventes com o comportamento inadequado dos filhos.

Analisando as respostas obtidas, percebe-se que muitas vezes os motivos que levam o aluno a apresentar um comportamento inadequado na escola extrapolam a dimensão pessoal e estão associados a situações mais amplas como problemas familiares e problemas de relacionamento conforme afirma Abramovay (2006):

A defesa por conceito ampliado de violência se fundamenta numa compreensão do fenômeno como algo intrinsecamente relacionado ao contexto social, histórico, cultural em que ele se dá, com a vantagem de poder abarcar ações, comportamentos e processos diferenciados que envolvem sujeitos distintos (alunos, professores, moradores da comunidade, etc.) e a própria instituição escolar. Assim, não são apenas os episódios graves e espetaculares – como homicídios, porte e uso de armas – que são compreendidos como violência, mas também conflitos, comportamentos e práticas institucionais incorporadas ao cotidiano dos estabelecimentos de ensino (Abramovay 2006, p. 79).

Daí a importância em se trabalhar com o aluno com vistas ao pleno exercício da cidadania, pois da mesma forma que os acontecimentos sociais e situações fora da escola podem influenciar negativamente suas atitudes, os comportamentos e práticas institucionais positivas incorporadas ao cotidiano, podem mudar a realidade da violência e indisciplina na escola.

Gráfico 03 - Medidas mais adotadas pela escola nos processos indisciplinares dos alunos.



Fonte: Pesquisa. COSTA, Ana Caroline Brito da, Recanto das Emas – DF 2013.

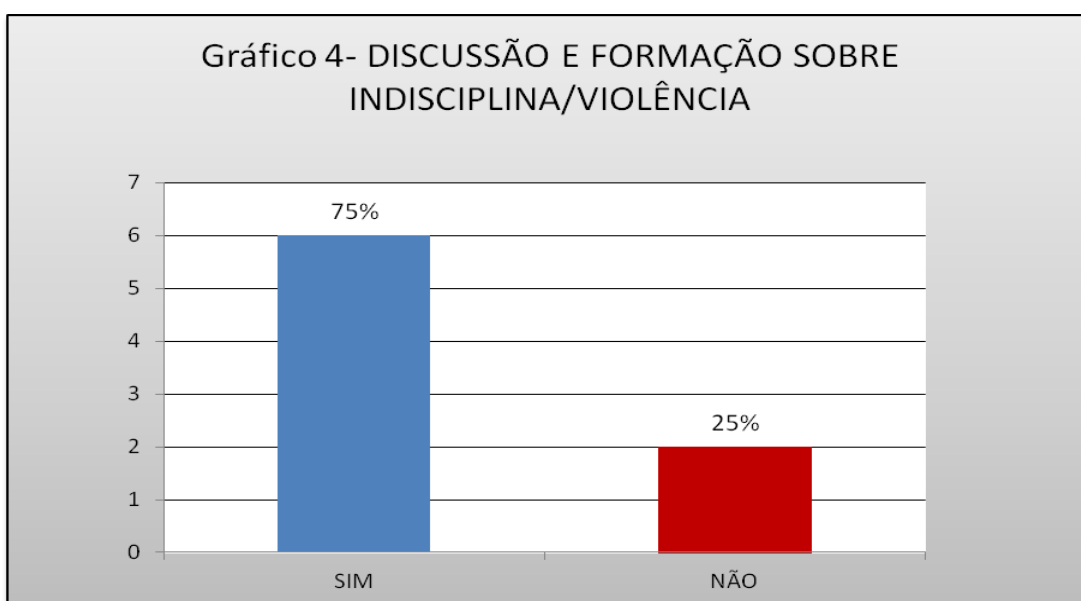
O gráfico acima mostra que as medidas mais tomadas pela equipe gestora e por demais funcionários da escola são: advertência oral com 100% de indicações, seguida de advertência escrita, negociação e convocação de pais com 87,5%. Verifica-se a suspensão do aluno como última opção, o que demonstra preocupação em solucionar os conflitos existentes antes de chegarem a punições mais drásticas.

Em relação às medidas punitivas cabíveis em caso de indisciplina e/ou violência, o Regimento Escolar das Instituições Educacionais da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal (DF, 2009) estabelece que:

Art. 53. O aluno, pela inobservância das normas contidas neste Regimento, e conforme a gravidade e/ou a reincidência das faltas, está sujeito às seguintes sanções:

I - advertência oral;
 II - advertência escrita;
 III - suspensão, com tarefas escolares, de, no máximo, 3 (três) dias letivos, e/ ou com atividades alternativas na instituição educacional;
 IV - transferência por comprovada inadaptação ao regime da instituição educacional, quando o ato for aconselhável para a melhoria do desenvolvimento do aluno, da garantia de sua segurança ou de outros.
 §1º Cabe ao professor a aplicação da sanção prevista no inciso I deste artigo e ao Diretor da instituição educacional, as contidas nos demais incisos (DF, 2009 p. 38).

Gráfico 04 - Espaço para a formação continuada e discussões sobre temas relacionados à violência e indisciplina nas coordenações pedagógicas.



Fonte: Pesquisa. COSTA, Ana Caroline Brito da, Recanto das Emas – DF 2013.

O professor não pode agir isoladamente na escola e principalmente no que diz respeito a questões disciplinares. Uma das formas de não estar só e de refletir a respeito das mudanças necessárias é a formação continuada. O espaço da coordenação pedagógica é privilegiado para essa formação.

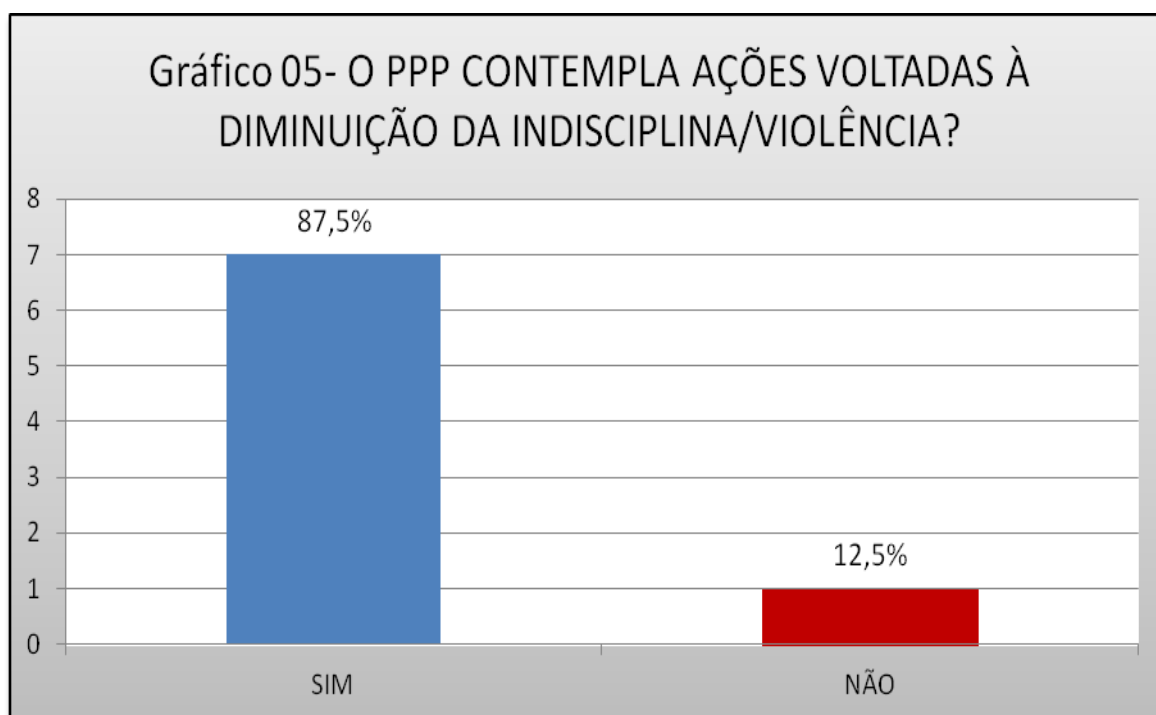
O Gráfico acima constata que 75% dos professores diz haver momentos de discussões a respeito de violência e indisciplina na escola, porém há de se esclarecer que conversas informais são bem diferentes de direcionamentos sistematizados.

A formação continuada de professores justifica-se para que se criem condições geradoras de competências e inovações para intervenções propositivas nas situações que vão ocorrendo. É uma concepção de formação que faz das

práticas profissionais dos professores contextos de “requalificação do coletivo de trabalho.” (NÓVOA, 1992 p.32).

A formação continuada visa incentivar a postura de sujeitos críticos, reflexivos e transformadores, capazes de refletir sobre suas ações, com vistas a produzir saberes que lhes permitam avançar em práticas pedagógicas mais significativas e relevantes para atender as demandas da sociedade.

Gráfico 05 - Proposta pedagógica da escola, favorecendo o Currículo voltado para o desenvolvimento humano.



Fonte: Pesquisa. COSTA, Ana Caroline Brito da, Recanto das Emas – DF 2013.

A disciplina deve ser focada na dimensão da cidadania que implica estabelecer laços, segundo os princípios da autonomia.

De acordo com o gráfico acima, 87,5% dos entrevistados concordam que a escola contempla um currículo voltado para o desenvolvimento humano e propõe ações voltadas à diminuição da indisciplina na escola.

A LDB – Lei de Diretrizes da Educação Nacional (1998) referencia que as escolas devem elaborar e executar a proposta pedagógica, mas há de se ressaltar que essa elaboração e execução precisam estar voltadas para a constante busca da

identidade da escola, valendo-se das mudanças necessárias, inclusive envolvendo a comunidade escolar para que a mesma se torne corresponsável por sua execução.

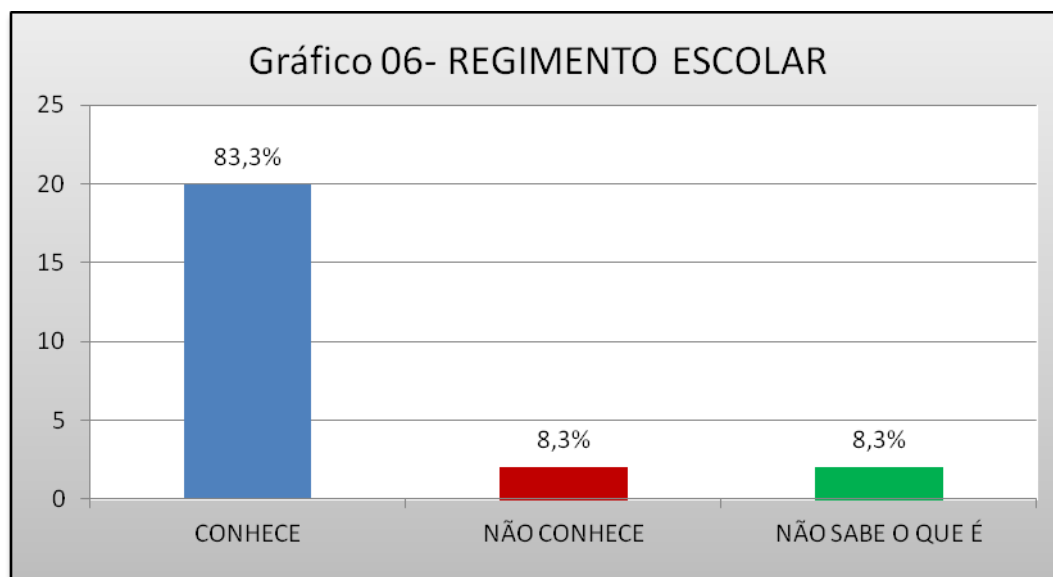
No caso de temas como violência e indisciplina, é importante que a proposta pedagógica leve a reflexão, remetendo ao que realmente está acontecendo a fim de transformar o que for necessário. A proposta pedagógica deve também levar os professores à reflexão, além elencar em conjunto os objetivos a serem atingidos, partindo das necessidades mais visíveis para as imperceptíveis a fim de organizar e planejar as ações cabíveis.

O planejamento que deve acontecer na escola precisa se valer dessas reflexões, sendo realizado com consciência, intencionalidade, participação e responsabilidade, buscando sempre o melhor para a comunidade escolar e principalmente para o aluno.

É preciso agregar ao Projeto Político-pedagógico ações que abranjam direitos, deveres e valores. No PPP as regras da vivência em grupo devem ser compartilhadas no exercício pleno da cidadania escolar que prevê normas de convivência entre toda comunidade escolar, nas diferentes posições, papéis e competências.

Por ser o aluno objeto da reflexão do educador e também sujeito, é necessário que ele seja ouvido e reconhecido. Entende-se que se não houver uma escuta sensível para o aluno, não é possível haver diálogo com ele. Dessa forma, a opinião dos alunos se faz necessária no sentido de perceber essa temática de sua perspectiva, ou seja, pelo seu olhar.

Os gráficos de 06 a 10 são referentes às respostas dos alunos. Vale ressaltar que os mesmos demonstraram comprometimento e interesse em responder as questões propostas, trazendo mais credibilidade para a análise desses dados.

Gráfico 06 – A respeito do regimento interno da escola.

Fonte: Pesquisa. COSTA, Ana Caroline Brito da, Recanto das Emas – DF 2013.

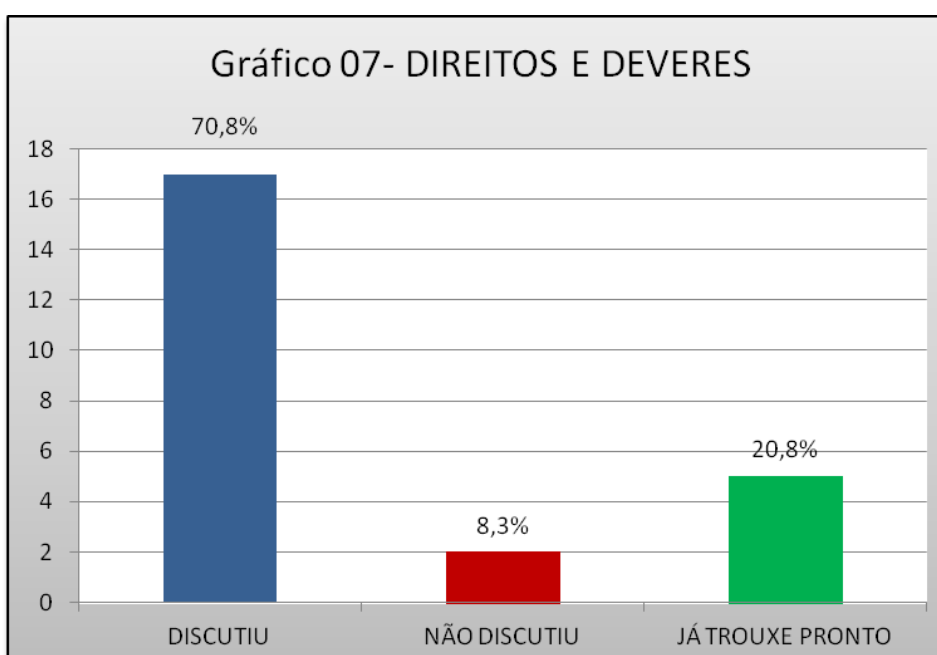
A escola estabelece normas que visam organizar o seu funcionamento, como no caso do Regimento das Escolas Públicas do DF. Partindo daí, as escolas constroem seu próprio regimento escolar e na escola pesquisada isso não é diferente, há a existência do Regimento interno, que na maioria das vezes, não consegue responder aos seus objetivos uma vez que formuladas e implementadas de forma unilateral, sem se ponderar a palavra dos alunos e a de seus pais. A respeito disso Abramovay diz que:

A cultura escolar, muitas vezes, se baseia em uma violência de cunho institucional, a qual se fundamenta na inadequação de diversos aspectos que constituem o cotidiano da escola – como o sistema de normas e regras muitas vezes autoritárias; as formas de convivência; o projeto político pedagógico; os recursos didáticos disponíveis e a qualidade da educação – em relação às características, expectativas e demandas dos alunos, o que gera uma tensão no relacionamento entre os atores sociais que convivem na escola. Nesta perspectiva, a violência escolar é compreendida como resultado das relações tensas e conflituosas estabelecidas entre os membros da comunidade escolar (Abramovay, 2006 p. 72).

As regras e as normas são instrumentos que regulam e regem procedimentos e atos assumindo um caráter obrigatório a cerca de uma determinada forma de comportamento, sendo utilizadas para que se mantenha a ordem escolar. Assim vale-se de uma série de medidas formais e até mesmo informais para lidar com os possíveis conflitos que possam surgir no ambiente escolar.

Tais medidas para que possam surtir o efeito desejado devem ser amplamente conhecidas, o que também não assegura que elas sejam respeitadas e cumpridas. Desta forma observa-se, conforme o gráfico acima que 83,3% dos alunos entrevistados afirmaram ter conhecimento sobre o regimento escolar, porém conflitos e indisciplinas continuam ocorrendo. E 8,3% dos alunos indicaram que não conhecem ou que nem sabem o que é.

Gráfico 07 – A respeito dos direitos e deveres dos alunos.



Fonte: Pesquisa. COSTA, Ana Caroline Brito da, Recanto das Emas – DF 2013.

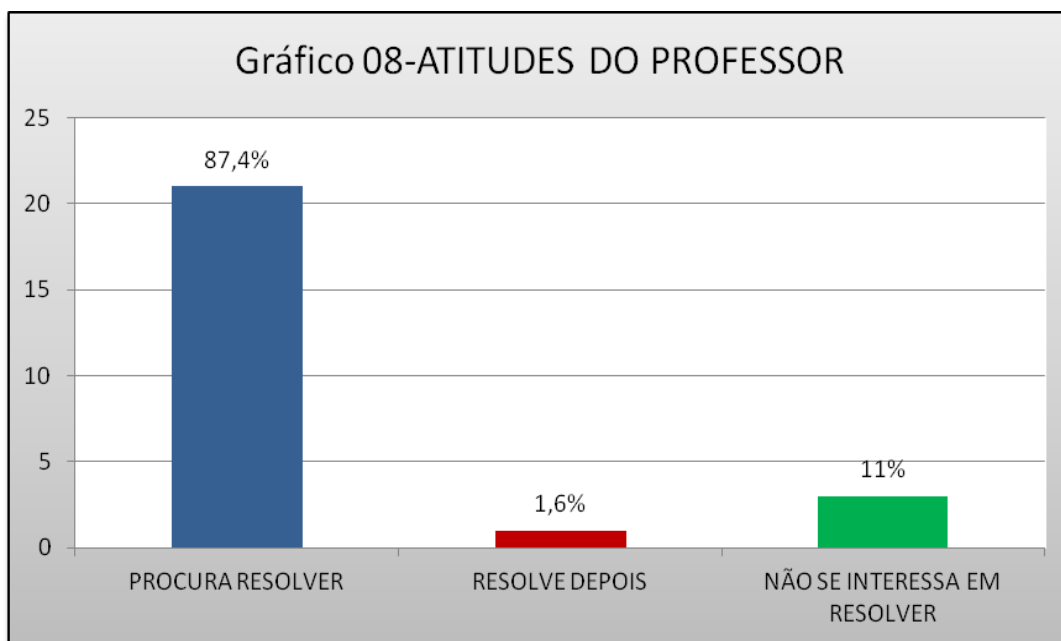
Em relação a esse gráfico, 70,8% dos alunos afirmou ter discutido sobre os direitos e deveres junto com o professor. Já 20,8% indicaram o item em que o professor já levou os direitos e deveres prontos para a turma e 8,3% não discutiram sobre o assunto com o professor.

Segundo (ORTEGA, 2003, p. 19), as regras devem ser elaboradas democraticamente e revisadas por todos os membros da comunidade. Na escola em que não se dá esse processo e os estudantes não conhecem e não discutem os principais problemas que acontecem no cotidiano há disfunções no reconhecimento de identidades sociais dos que dele participam (idem, p 19). Assim os alunos não se sentem sujeitos do que acontece na escola, mesmo que os assuntos tenham diretamente relação com eles. Algumas normas, em geral, são mal aceitas pelos

alunos, seja porque estes não a entendem ou porque a consideram sem sentido. A obediência não significa uma moralidade desenvolvida, nem é suficiente para se criar um ambiente social saudável, de cooperação. Se o grande objetivo da escola é promover a autonomia, é preciso que as regras existam em função da necessidade e não apenas para obedecer a uma autoridade.

O castigo pode estimular ainda mais a indisciplina e fazer com que as crianças permaneçam acreditando que é preciso obedecer sem guiar suas atitudes por princípios e valores. É comum haver nas escolas uma preponderância de regras convencionais (como o uso do boné...) em relação às regras morais (que não se coloquem apelidos, a tolerância ao diferente), mas o que deve ser levado em consideração é o sentimento de pertencimento e o quanto a participação na construção das regras é efetivada. Sem ver razão nas regras, a desobediência torna-se ainda mais frequente.

Gráfico 08 – A respeito das atitudes tomadas pelo professor diante da indisciplina na sala de aula.



Fonte: Pesquisa. COSTA, Ana Caroline Brito da, Recanto das Emas – DF 2013.

Ao serem indagados sobre a postura do professor diante a situações de indisciplina, 87,5% afirmaram que o professor procura resolver logo a situação. Isso demonstra que a intervenção do professor está acontecendo, pois o mesmo não

está alheio aos fatos que acontecem em sala. Quando o professor não toma nenhuma atitude, os estudantes podem interpretar o fato como aprovação e a situação de indisciplina ou violência tende a se agravar.

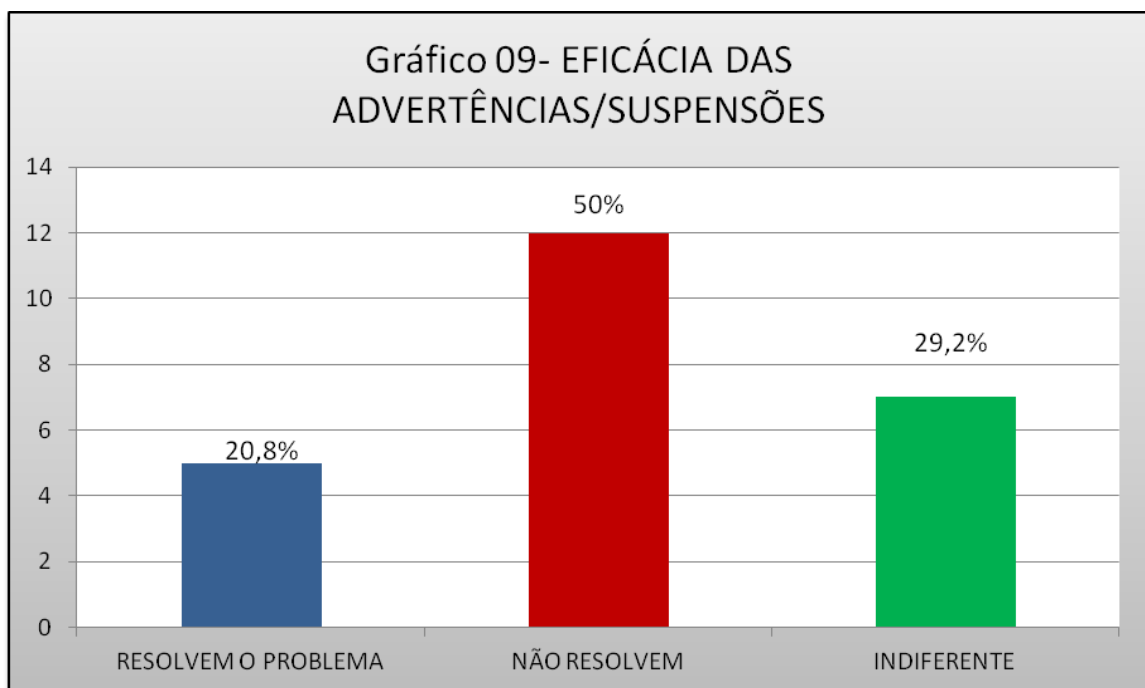
As atitudes dos professores em relação à indisciplina devem estar em conformidade como menciona Tiba (2006):

Por isso, é importante que os professores adotem um padrão básico de atitudes diante dos tipos de indisciplina mais comuns, como se todos vestissem o mesmo uniforme comportamental. Esse uniforme protege a individualidade do professor. Quando um aluno ultrapassa os limites, não está simplesmente desrespeitando um professor em particular, mas as normas da escola (TIBA, 2006, p. 127).

É preciso dimensionar a disciplina escolar como uma reconstrução da autoridade do professor para uma permanente construção da autonomia dos estudantes.

Os alunos precisam de interação, participação, parceria, respeito e limites. A essência da autonomia consiste em as pessoas se tornarem aptas a tomar decisões por si próprias. Autonomia significa levar em conta os fatos relevantes para decidir a forma de agir que beneficiem a todos.

Gráfico 09 – A eficácia das advertências e suspensões.



Fonte: Pesquisa. COSTA, Ana Caroline Brito da, Recanto das Emas – DF 2013.

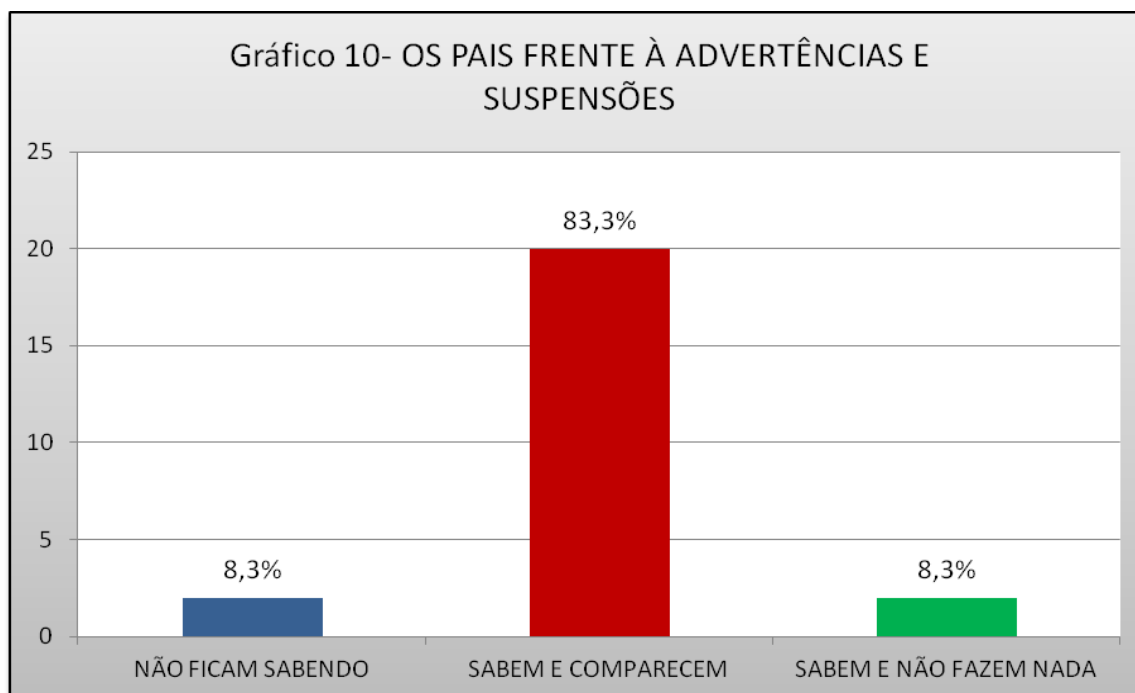
O gráfico acima deixa explícita a opinião dos alunos entrevistados a respeito das punições como advertências e suspensões, uma vez que 50% dos alunos entrevistados consideram que tais medidas não resolvem a questão de comportamentos indisciplinados ou violentos.

Os gestores escolares, que também são sujeitos envolvidos diretamente na ação educativa, não têm conseguido lidar com esta questão, denotando despreparo e falta de conhecimento acerca do assunto. Muitas vezes, na busca ansiosa por ações que amenizem a problemática, o fracasso é inevitável, agravando qualitativamente o desempenho das atividades desenvolvidas no ambiente escolar. De acordo com Garcia (2009):

A propósito das estratégias de enfrentamento da violência nas escolas, há um risco de nos mantermos limitados a enfoques repressivos, ou imobilizados por concepções que afirmam aos educadores a impossibilidade da escola agir de um modo efetivamente transformador. Tendo em vista a necessidade de transformar o tecido mais amplo e complexo que sustenta e orienta as decisões e ações sobre o que se vai fazer antes e diante do cenário de indisciplina e violência nas escolas, afirmamos a necessidade de exercermos formas mais amplas de compreensão e ação social. Mas tais mudanças de perspectiva precisam estar refletidas nas visões e práticas de gestão educacional (GARCIA, 2009 p. 518).

A fala do autor reforça que advertências e expulsões são medidas que não têm adiantado no combate à violência, pois são também atuações agressivas. Estas ações têm atingido o fenômeno superficialmente, apenas em seus efeitos aparentes. Ao lidarmos com questões de violência utilizando medidas exclusivamente punitivas, estaremos adiando a questão e mascarando seus efeitos, para que mais tarde tudo volte à tona.

Gráfico 10 – Os pais frente a advertências e suspensões.



Fonte: Pesquisa. COSTA, Ana Caroline Brito da, Recanto das Emas – DF 2013.

O gráfico 10 mostra que os pais e/ou responsáveis sabem quando acontecem as advertências ou suspensões e comparecem à escola. Isso ficou evidenciado no fato de 83,3% dos alunos terem respondido que os pais sabem e comparecem. Porém é de suma importância para o fortalecimento das relações na escola, que a presença da família não seja só quando seus filhos apresentam problemas.

Segundo Garcia (2009):

(...) as escolas também precisam de um novo paradigma de gestão educacional no que se refere à relação com a família. Essa relação, embora em teoria seja destacada e valorizada pelas duas partes, na prática comumente apresenta diversos limites. Tais limites resultam de diversos aspectos, tais como o baixo nível de engajamento dos pais, ou da própria forma como as escolas assumem posições pouco democráticas ao estabelecerem a si mesmas como o marco de referência da relação (GARCIA, 2009. p, 520).

Para que a parceria família/escola tenha melhores resultados na aprendizagem do aluno, é necessário o cultivo de atitudes como: mudar o caráter dos encontros com a família, criando um clima de colaboração e de troca sobre o desenvolvimento do aluno; incentivar os responsáveis a acompanharem a vida dos alunos garantindo o elo de cooperação entre as partes.

A aproximação entre escola e família pode ser uma ação concreta para reforçar o esforço em trazer a paz à escola, amenizando a indisciplina.

Há situações em que o diálogo amigável e alguns aconselhamentos podem fazer diferença, pois as famílias precisam ser ouvidas para que os problemas sejam melhor compreendidos e solucionados.

Considerações em torno dos resultados

Nas respostas de professores e alunos, pôde ser constatado que tanto pais quanto professores demonstram interesse e comprometimento em resolver os problemas disciplinares, porém, só quando eles aconteceram. As respostas de ambos os segmentos afirmam ainda que há a o conhecimento do regimento escolar e no início do ano o professor elabora regras de boa convivência com os alunos, porém, ainda há casos de indisciplina.

Em suas respostas, os professores afirmaram que na coordenação pedagógica há espaço para a reflexão sobre o assunto, porém infelizmente essas reflexões sistematizadas não acontecem e isso é claramente demonstrado na falta de ações preventivas que tenham tido um planejamento cuidadoso e que envolvesse toda comunidade escolar. Assim, as medidas punitivas são tomadas quase que automaticamente, onde alunos estão condicionados a recebê-las e gestores e professores condicionados a aplicá-las. A respeito das punições, professores relacionam as mais utilizadas como sendo advertência oral, escrita e convocação dos pais e a maioria dos alunos afirma não considerá-las eficazes.

Na temática Indisciplina é fundamental que o tripé família, escola e professor esteja em pleno equilíbrio e sintonia. Família e a escola precisam trabalhar em conjunto para que o aluno tenha um bom desempenho, e uma formação que ajude no seu futuro, e possa construir uma sociedade melhor para todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa buscou-se refletir sobre a indisciplina e violência, que são assuntos que se misturam e são facilmente confundidos. A realidade é que inevitavelmente estão inseridos na escola e não diferente na escola pesquisada. A falta de respeito, brigas, agressões verbais e físicas são queixas que se propagam entre pais, professores, gestores e entre os próprios alunos.

Atitudes indisciplinadas tem prejudicado o desenvolvimento cognitivo em sala de aula e se tornado corriqueiras.

Diante das ocorrências de indisciplina, o que tem sido feito é remediar a situação. O professor tenta controlar a turma, o aluno se defende dos colegas revidando agressões recebidas e os pais repreendem o filho quando recebe reclamações. Cada um lida solitariamente com a situação e da forma que sabe, como se o problema fosse só seu.

Um dos fatores que pode ser observado com a aplicação da pesquisa é que a indisciplina na escola pesquisada é tratada como um bloco de ocorrências uniformes e compreensível de pontos de vista simplistas.

O ideal é que a indisciplina seja compreendida na sua complexidade, sendo tratada na raiz do problema e não apenas com nos seus efeitos, buscando entender a sua ligação com fatores sociais, pedagógicos, afetivos entre outros, valendo-se de uma parceria eficaz entre famílias e escola.

Os professores não tem recebido formação que lhes permita gerir eficazmente os conflitos, tornando-se necessário que a formação desenvolvida na escola, proporcione uma reflexão pautada em subsídios teóricos e autores recentes na área da educação, que possibilite uma intervenção esclarecida.

Combater a indisciplina requer medidas articuladas, não só para a formação continuada dos professores, mas também no fortalecimento do Projeto Político pedagógico a partir de sólidas diretrizes para a formação humana.

A busca de soluções para a indisciplina é tarefa de todos, pais, alunos, professores e comunidade, por meio de um planejamento participativo, que de novo

significa a ação de todos, de forma ética, lembrando que é um processo que vai se construindo de forma gradativa e necessita de acompanhamento.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam e CASTRO, Mary. **Caleidoscópio das violências nas escolas**. Brasília: Missão Criança, 2006.

ABRAMOVAY, Miriam et al. **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO, Observatório de violência nas escolas, MEC, 2006.

ABRAMOVAY, Miriam; CUNHA, Ana Lúcia; CALAF, Priscila Pinto . **Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas**. Brasília: Rede de informação Tecnológica Latino-Americana – RITLA, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal- SEEDF, 2009.

ABRAMOVAY, Miriam et alii. **Violência nas Escolas**. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Sena, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2004.

BRASIL, Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1998.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez 1995, p.68.

DEBARBIEUX, Eric; BLAYA, Catherine. **Violência nas escolas: dez abordagens europeias** – Brasília: UNESCO, 2002

DF. DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. **Regimento Escolar das Instituições Educacionais da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal**, 5ª Edição, Brasília, 2009.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. 6ª ed São Paulo: Cortez: Brasília: MEC, UNESCO, 2001.

GARCIA, J. INDISCIPLINA E VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: algumas questões a considerar. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, n. 28, p. 511-523, set./dez. 2009.

GARCIA, J. Indisciplina na Escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 95, p. 101-108, jan./abr. 1999.

HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009..

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Pesquisa. In: _____. **Técnica de pesquisa**. 3.ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1996.

NÓVOA, Antônio. **Formação de professores e formação docente**. In: Nóvoa, Antônio. (org.) **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

OMS-Organização Mundial da Saúde, **Relatório Mundial sobre violência e Saúde**. 2002.

ORTEGA, R. **Programas educacionais de prevenção da violência escolar na Espanha: o Modelo Sevilha Anti-Violência escolar**. In: **Desafios e Alternativas: violências nas escolas**. Brasília: UNESCO, UNDP, 2003

ROYER, Égide. A violência escolar e as políticas da formação de professores. In: DEBARBIEUX, Eric; BLAYA, Catherine. **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002.

TIBA, Içami. **Disciplina: Limite na Medida Certa. Novos Paradigmas**. 85ª edição. São Paulo: Integrare Editora, 2006.

APÊNDICES

QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS PROFESSORES

O presente questionário é um dos instrumentos de coleta de dados do relatório de pesquisa (monografia) do Curso de Pós Graduação Latu Senso em Coordenação Pedagógica da Universidade de Brasília - UnB.

Objetiva-se verificar os aspectos a serem melhorados, aprimorados ou modificados, com vistas a propor procedimentos técnicos que favoreçam a qualidade do trabalho.

Dessa forma, conto com sua colaboração no sentido de responder às questões abaixo referentes ao tema indisciplina, de forma a mostrar a realidade vivenciada na Escola Classe 401, do Recanto das Emas em especial.

1- Marque um x nos tipos de indisciplina e violência que ocorrem com mais frequência na escola:

- () Agressões verbais entre alunos
- () Agressões físicas
- () Agressões verbais com o professor
- () Conversa excessiva
- () Brincadeiras fora de hora/deboche
- () Brigas
- () Apelidos
- () Fofocas
- () Ameaças
- () Brigas na hora do recreio
- () Roubos e furtos
- () Preconceitos
- () Bullyng

2- Assinale os itens por ordem de dominância de 1 a 9 (sendo 1 o mais frequente e 9 o menos frequente) em relação ao que influencia as atitudes de violência e/ou indisciplina na escola:

- () baixa autoestima
- () falta de acompanhamento familiar
- () envolvimento com drogas
- () alunos sobrecarregados com tarefas de adultos
- () dificuldade de aprendizagem
- () ausência de limites/responsabilidades
- () pais coniventes com atitudes indisciplinadas
- () defasagem idade/serie
- () frequência irregular

3- Quais as medidas mais adotadas pela escola nos processos indisciplinados dos alunos?

- () advertência verbal
- () advertência escrita
- () suspensão
- () negociação
- () encaminhamento dos alunos ao serviço de orientação educacional
- () convocação do responsável

4- Na coordenação pedagógica existe espaço para a formação continuada e discussões sobre temas relacionados à violência e indisciplina?

- () Sim
- () Não

Justifique

5- A proposta pedagógica da escola contempla um Currículo voltado para o desenvolvimento humano e propõe ações voltadas à diminuição da indisciplina na escola?

() Sim

() Não

Justifique

QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS ALUNOS

O presente questionário é um instrumento de coleta de dados do relatório de pesquisa (monografia) do Curso de Pós Graduação Latu Senso em Coordenação Pedagógica da Universidade de Brasília - UnB.

Conto com sua ajuda no sentido de responder as questões abaixo sobre indisciplina, de forma a mostrar a realidade da Escola Classe 401.

Assim, podemos verificar o que pode ser melhorado ou modificado para a diminuição da indisciplina na escola.

1- Em relação ao regimento interno da escola você:

- () conhece o regimento
- () não conhece o regimento
- () não sabe o que é o regimento

2- No início do ano seu professor:

- () discutiu os direitos e deveres em sala de aula junto com a turma
- () não discutiu os direitos e deveres
- () já trouxe os direitos e deveres prontos para a turma

3- Quando acontecem situações de indisciplina em sala, o professor:

- () procura resolver logo a situação
- () deixa para resolver depois
- () não se interessa em resolver

4- Você considera que advertências e suspensões?

- () resolvem o problema de alunos indisciplinados
- () não resolvem esse problema
- () não fazem diferença para os alunos

Justifique

5- Quando acontecem advertências ou suspensões seus pais e/ou responsáveis:

- () Não sabem, porque não são comunicados
- () sabem e comparecem imediatamente à escola
- () sabem e não fazem nada